

A QUESTÃO DO ESTUDO DA COMPOSIÇÃO DA POPULAÇÃO

META

Aprofundar o que estamos chamando de Composição da população, trabalhando três variáveis populacionais: são gênero, raça e renda. É evidente que com elas outras variáveis também podem ser cruzadas. Mas só levaremos em consideração essas três, e tentaremos estudá-las a partir de seus cruzamentos.

OBJETIVOS

Ao final desta aula, o aluno deverá:

problematizar variáveis que integram a composição da população e suas mudanças no decorrer do tempo.

fazer cruzamentos dessas variáveis, tendo resultados não apenas quantitativos, mas também qualitativos.



(Fonte: <http://gruppaal.zip.net>).

INTRODUÇÃO

O estudo populacional tem uma de suas principais características à questão do tratamento quantitativo dos dados, expressados em sua forma absoluta, como também relativa (em percentuais). Porém, a interpretação desses dados pode ajudar na análise de determinados fenômenos demográficos, sociais, econômicos e evidentemente geográficos e que podem ser vistos também em termos qualitativos.

No que se refere especialmente a composição da população, são muitas as variáveis como vimos em aulas anteriores, passando desde aquelas mais conhecidas como variáveis exclusivamente demográficas (natalidade, fecundidade, mortalidade, etc.), das econômicas (renda familiar, distribuição da renda, população economicamente ativa, etc.), até as sociais e antropológicas (etnia, gênero, escolaridade, qualificação profissional, etc.).

Dessa forma, tomando como parâmetro a dinâmica demografia, vamos estudar nessa aula as diversas possibilidades de cruzamentos de três variáveis e dos resultados que aí podem ser gerados qualitativamente, que seriam *gênero, raça e renda*.

Inicialmente, o que se observa é que os valores culturais e religiosos infelizmente são dominantes no que se refere à questão da discriminação contra a mulher. E queira ou não, ainda é um tema atual e polêmico.

Entretanto, a questão racial também toma importância, principalmente em nossos dias onde fenômenos sociais ligados ao chamado “fundamentalismo” criam uma espécie de “intolerância” ao que é diferente, sendo esta, talvez, a maior contradição nesses tempos de globalização.

Tomamos a expressão raça por ser mais abrangente que a “cor”, quando outros valores estão também articulados, levando em consideração elementos de natureza cultural, mas também geográfica.

Assim, ponto de vista da Geografia da População, a relação entre gênero e raça possui alguma importância, por exemplo, de sua espacialização?

Sem dúvida nenhuma. E não fiquemos apenas na ótica de trabalhar apenas as populações de raças não-europeias ou que sejam em sua maioria mulheres, sendo estas as que mais sofrem na complexa teia das relações sociais. *Mas que ocorreu também em suas relações espaciais (ou geográficas).*

Um exemplo, podemos facilmente perceber que o deslocamento, até por necessidade, de mulheres e de raças ditas “inferiores”, são muito mais limitadas que as de outros grupos sociais. A migração de mulheres negras africanas é bem limitada que as de outros grupos sociais. No máximo deslocam-se em busca de comida ou água e muitas vezes moram sozinhas com os filhos (pois os companheiros já morreram em função das guerras sem fim ou foram embora), sendo assim submetidas aos perigos constantes da violência (como estupros, homicídios, etc.) ou até mesmo da fome.

E quando deslocam a distância maiores é porque são forçadas, inclusive para sobreviverem, deslocando para áreas mais seguras, principalmente em regiões de guerras, onde a única saída são os campos de refugiados. Assim, *o alcance espacial* das mulheres negras africanas depende das condições de sobrevivência delas mesmas.

No exemplo brasileiro, a questão da relação entre gênero e raça diferencia-se da realidade africana, apresentando uma diversidade maior. De um lado temos as chamadas *mulheres não migrantes*, sendo estas encontradas no interior do Nordeste, podendo ser tanto mulheres negras ou brancas, onde a condição da pobreza e o deslocamento dos companheiros por longos períodos contribuem para que estas mulheres não migrem.

Por outro lado, para *deslocamentos de pequena distância*, o volume migratório das mulheres é mais forte, tudo isso em função da possibilidade do retorno, tendo como maior consequência a maior concentração de população masculina em áreas rurais.

É evidente que o gênero vai mais além do que a mera divisão sexual, quando outros elementos de natureza sociológica e cultural também estão envolvidos, como o problema da discriminação sexual, da diferença de renda, da diferença dos níveis de escolaridade, das condições de trabalhos, etc.



(Fonte: <http://forums.com.br>).

Genericamente falando, a relação entre gênero, raça e renda, é linear. Ou seja, existe efetivamente uma relação direta entre essas três variações demográficas, principalmente para realidades “subdesenvolvidas”, e de forma ainda mais particular, para a realidade brasileira.

Dessa forma, podemos perceber que a mulher, da raça negra e de baixa renda é uma das características marcantes entre os mais pobres do país.

No mesmo sentido podemos também observar para a realidade latino-americana, onde a posição da mulher infelizmente ainda é subalterna, inclusive como maior alvo da violência doméstica, e que geralmente são mulheres não-brancas, das quais recebem os piores rendimentos e o menor nível de escolaridade.

Nesta aula, não ficaremos nesse enfoque genérico e tão bem conhecido por todos nós.

A nossa tentativa é tentar fazer o cruzamento entre elas, das quais muitas vezes não geram resultados do esperado. Sem esquecer que essa tentativa está entre outras possíveis a serem estudadas no tema Composição da População.

Por outro lado, não vamos analisar essas questões dentro da perspectiva antropológica ou sociológica, daí denominarmos como “variáveis” que compõem a estrutura populacional e não como meros “processos sociais”.

Dessa maneira, vamos estudar a partir da seguinte relação: gênero e raça, raça e renda e gênero e renda.

GÊNERO E RAÇA

Utilizando a relação entre essas duas variáveis, podemos interpretar qualitativamente (ou seja, dentro da perspectiva da Geografia da População) a partir de várias concepções. Uma primeira questão relaciona-se a essa importante pergunta: dessas duas variáveis, qual a que apresenta maior representatividade para analisar grupos sociais e principalmente as populações mais marginalizadas?

No nosso entendimento, é difícil responder essa pergunta na medida em que tanto em gênero como a raça, são claros os diversos processos demográficos e geográficos a serem analisados e estudados.

Sem dúvida nenhuma a questão da mulher tem importância nessa análise entre os chamados grupos sociais que sofrem problemas do machismo, fenômeno encontrado em todas as culturas, infelizmente, e das chamadas “raças inferiores” (termo pejorativo), e que cobrem todas as raças (e naturalmente etnias) efetivamente não brancas.

Assim, a relação dessas duas variáveis pode facilmente ser interpretada como uma das formas de entender o quadro da discriminação sexual e racial e que infelizmente torna cada vez mais forte nos dias atuais. É claro que existem particularidades, como é o caso, por exemplo, da mulher branca que oprime a mulher negra (existente na relação entre patroa

e empregada doméstica), ou da mulher branca sobre o homem negro (este definido de acordo com a posição econômica na sociedade).

Um das análises mais interessantes da relação dessas duas variáveis é a existência da seletividade social aí encontrada, e que pode ser permeada pela variável nível de escolaridade, onde concretamente podemos perceber como resultado, uma maior violência na divisão do tecido social. O estudo de Beltrão e Teixeira (2004) quando analisa o perfil do cruzamento dessas duas variáveis, demonstrado entre os censos demográficos de 1960 a 2000, revela surpreendentemente a baixa participação da população de cor nos cursos de nível superior no Brasil, da qual o acesso à mulher aos cursos superiores, em números, foi bem superior em relação ao acesso às populações não-brancas (principalmente negros e pardos).

Porém, para entender essa relação é preciso contextualizar com outros fatores, fenômenos e processos sociais e que certamente rebatem na organização do espaço geográfico. Daí a nossa proposta de agregar as duas relações que vem logo em seguida.

RAÇA E RENDA

A raça, mesmo sob a postura dominante de que é possível vencer na vida a partir dos “esforços individuais”, a raça ainda é uma barreira na melhoria das condições sociais de parte significativa da população.

Nascer em uma determinada raça, e mais ainda, se não é uma raça branca, as dificuldades de crescimento individual e prestígio social, são muitos grandes. Até parece determinismo, se uma pessoa é negra, a possibilidade de ascensão social é muito pequena. Se ela é branca, a perspectiva de ter maior rendimento é muito maior.

Entretanto, na perspectiva da Geografia da População, é claro que existe uma forte segregação espacial quando cruzamos essas duas variáveis. Ou seja, tanto no que se refere à raça como também da questão da renda, o local da residência é bem definido. Os mais pobres, ou aqueles que recebem menores rendimentos residem em áreas onde a falta de saneamento básico, pavimentação das ruas, abastecimento de água ou ainda de maior incidência de violência, são os mais alarmantes.

Para melhor esclarecimento da questão em estudo, seria interessante que o aluno, caso queira, tivesse acesso ao site do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE (www.ibge.gov.br) e observar a multiplicidade de estudos e dados sobre a questão demográfica e econômica brasileira. Consideramos o maior banco de dados do país e um dos mais organizados do mundo.

Essa entidade é responsável na realização de pesquisas, levantamentos, estudos e formulação de indicadores sociais e econômicos sobre a realidade brasileira, tendo na Pesquisa Nacional por Amostra de Domicí-

lios – PNAD um dos documentos estatísticos mais completos da questão social brasileira, que envolve indicadores de migrações, educação, trabalho, famílias, domicílios e rendimentos. E nele

Porém, o mais interessante é que a abordagem que estamos colocando em pauta necessitaria de um estudo mais aprimorado, até porque os cruzamentos de outras variáveis dessas duas maiores (como as variáveis sobre sexo, idade, nível de escolaridade, domicílios particulares, classes de rendimento, etc.), certamente contribuem para entender uma realidade social e econômica tão conhecida, do tipo *“raças não brancas estão fadadas a receberem os menores rendimentos”*, como se isso fosse uma lei natural, e sabemos que questões de natureza social, histórica e econômica explicam essa divisão, ou geograficamente falando, da existência do fenômeno da *segregação espacial*.

Para melhor cruzar essas duas variáveis, se colocarmos também a variável *nível de escolaridade*, sabe-se da grande importância para a divisão da renda no Brasil, sendo que aqueles que possuem curso superior têm uma forte tendência de possuir um rendimento maior que aqueles que possuem apenas a escolaridade fundamental ou média.

E ainda de forma mais evidente se colocarmos a variável raça, o estudo de Henriques (2001) demonstrou que entre os brancos apenas 10% são analfabetos, enquanto a população negra representa 25% desses analfabetos. Pior, se for colocado em anos de estudos, brancos possuem em média 6,6 anos de estudo, contra 4,4 anos da população negra.

Assim, é possível o aluno perceber que o fenômeno da *discriminação racial se reproduz também na discriminação da renda, em decorrência também da desigualdade do nível de escolaridade*. E infelizmente dessa realidade nós não podemos fugir, tendo como maior resultado a *diferenciação do mercado de trabalho, onde as populações não-brancas têm perspectivas bem menores de acesso aos melhores empregos que às populações brancas*.

GÊNERO E RENDA

A análise dessas duas variáveis que compõem a população, sem dúvida nenhuma, é a mais conhecida. Todos sabem que as mulheres ainda têm um desafio muito grande pela frente na superação das velhas diferenças de renda em relação aos ganhos da população masculina.

Entretanto, a maior escolaridade feminina, a liberdade sexual e até a proteção de leis que protegem as mulheres, isso tem contribuído para aproximar para uma realidade mais equilibrada em relação aos homens.

Porém, o aluno deve também perceber duas coisas nesse processo. Primeiro, porque ainda falta para que resolva a *desigualdade sexual da renda* e mesmo com essas mudanças nas últimas décadas, ainda assim é pouco em relação a dimensão do problema. E segundo, não devemos analisar a questão do gênero por si só. Como relatamos acima, existe também a

exploração da mulher sobre a mulher e que ainda são poucos os estudos dentro dessa abordagem. Porque não se aprofunda uma vertente de estudo tão interessante, que seria, por exemplo, da relação da “patroa” com as “empregadas domésticas”? É um bom tema para ser estudado.

CONCLUSÃO

A presente aula tentou apenas analisar o uso construtivo do cruzamento qualitativo de três variáveis sociológicas, mas de grande importância demográfica e principalmente geográfica. A questão do gênero, da raça e da renda, quando agrupadas ou lidas isoladamente, pode suscitar muitos questionamentos. E dentro do estudo da Geografia da População, a questão da *distribuição desigual desses fenômenos é bem perceptível*.

Na perspectiva da análise das chamadas populações mais vulneráveis, ou seja, aquelas que mais sofrem na sociedade de nossos dias, variáveis como estas que estudamos, tomam uma dimensão muito forte, quando em uma delas sempre existe um grupo social marginalizado e que de certa forma está *especialmente localizado*.

O que tentamos nesta aula estudar foi estudar o tema Composição da População a partir do exemplo de três grandes variáveis e que nos nossos dias ainda tem sua importância.

Lembrar ao aluno que a abordagem aqui apresentada serviu como um marco inicial de uma variedade de temas a serem produzidos, na tentativa de estudar a complexa realidade das populações modernas.



(Fonte: <http://4.bp.blogspot.com>).

RESUMO



São muitas as variáveis demográficas da qual chamamos Composição da População. Entre as maiores estão aquelas que se referem ao Gênero (masculino e feminino), Raça e Renda. O cruzamento delas, e na presente aula fizemos uma tripla análise, pode contribuir, a partir de uma leitura particular, para tentar apreender a realidade como um todo. Na relação gênero e raça, é natural que as duas tenham forças no processo de construção da discriminação e ainda mais forte quando é mulher e que seja não-branca. Esse grupo, sem a menor dúvida, integra como as que mais sofre, além de apresentarem forte *segregação espacial*, ou seja, elas não se misturam com os “outros”.

Já na relação entre raça e renda, mais uma vez se repete, principalmente entre as populações brancas e não-brancas, sendo forte a concentração dos rendimentos nas populações brancas, além de possuírem maior nível de escolaridade.

Finalmente da relação entre gênero e renda, tema mais do que conhecido, onde persiste os menores rendimentos em desfavor às mulheres. Sem esquecer que existe também exploração da mulher sobre a mulher, tema ainda infelizmente pouco estudado.

ATIVIDADES



1. No mundo em vivemos o maior rendimento ou o ganho pessoal é a principal referência na melhoria das condições de vida. Desse modo, a Melhor Renda pode ser um fator que pode superar outras questões como o Racismo ou a Discriminação Sexual?
2. A chamada política de cotas das vagas destinadas aos mais pobres das Universidades Públicas, entre elas às destinadas a população negra, significa dizer que estamos resolvendo um problema social de longa data?

PRÓXIMA AULA



Na próxima aula trabalharemos com um dos temas mais sérios e caros da Geografia da População: a questão dos movimentos migratórios.

REFERÊNCIAS

BELTRÃO, Kaizô Iwakami; TEIXEIRA, Moema de Poli. **O vermelho e o negro: raça e gênero na Universidade Brasileira – uma análise da seletividade das carreiras a partir dos Censos Demográficos de 1960 a 2000.** Rio de Janeiro: IPEA, 2004.

HENRIQUES, R. **Desigualdade racial no Brasil: evolução das condições de vida na década de 90.** Rio de Janeiro: IPEA, 2001. Disponível em <<http://www.ipea.gov.br>>.

PNAD. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios. Brasília: 2006.
BRASIL. PNUD. Relatório de Desenvolvimento Humano Brasil 2005. Brasília, 2005.

OSÓRIO, Rafael Guerreiro. **Sistema classificatório de cor ou raça do IBGE.** IPEA Novembro de 2003. Rio de Janeiro.